

Pães, Mar e Coração Endurecido

“Coragem! Sou eu. Não tenham medo!” — Marcos 6.50 · NAA (NAA)

Bispo Ildo Mello Leitura prévia: Mc 6-7; Êx 3.13-15; Sl 103.1-5

PARA COMEÇAR

As perguntas que nos guiam

Nestes dois capítulos, Jesus alimenta multidões, anda sobre o mar e é reconhecido por uma estrangeira — enquanto os de casa tropeçam.

Por que Nazaré não creu?

“Não é este o carpinteiro?” (Mc 6.3). A familiaridade pode se tornar a maior barreira à fé.

Quem é o que anda sobre o mar?

“Sou eu” — no original, o eco do nome revelado a Moisés na sarça (Êx 3.14).

O que contamina uma pessoa?

Os fariseus vigiavam as mãos; Jesus aponta para o coração (Mc 7.20-23).

MC 6.1-29

Rejeitado em casa, enviando os Doze

“Não há profeta sem honra, a não ser na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa” (Mc 6.4).

Em Nazaré, o povo se escandaliza: conheciam o carpinteiro, a mãe, os irmãos — e a familiaridade virou muro. Marcos registra uma frase impressionante: Jesus “não pôde fazer ali nenhum milagre”, além de curar uns poucos, “e admirou-se da incredulidade deles” (Mc 6.5-6). Não é limite de poder; é o padrão do Reino, que não se impõe a corações fechados. Duas coisas admiraram Jesus nos Evangelhos: a grande fé de um estrangeiro (Lc 7.9) e a incredulidade da sua própria terra.

Em seguida, o Mestre envia os Doze de dois em dois, com autoridade e sem bagagem (Mc 6.7-13): a escola de Mc 3.14 entra na fase prática — estiveram com ele; agora são enviados. No meio do relato, Marcos insere a morte de João Batista (Mc 6.14-29): o precursor decapitado por fidelidade num banquete de vaidades. É o lembrete sóbrio de que o caminho do Servo — e dos seus servos — passa pela cruz antes da coroa.

MC 6.30-44

A primeira multiplicação: o Bom Pastor põe a mesa

“Vendo Jesus a grande multidão, compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor” (Mc 6.34).

Os apóstolos voltam da missão exaustos, e Jesus os convida ao descanso — mas a multidão chega primeiro. E a resposta do Mestre não é irritação, é compaixão: ovelhas sem pastor. Ele as ensina longamente e, à tarde, quando os discípulos sugerem despedir o povo, devolve-lhes o desafio: “Deem-lhes vocês mesmos de comer” (Mc 6.37). Cinco pães, dois peixes, e o gesto que a igreja jamais esqueceu: tomou, abençoou, partiu e deu (Mc 6.41) — os mesmos verbos da Ceia (Mc 14.22). Comeram todos, fartaram-se, e sobraram doze cestos: um para cada discípulo carregar a lição na mão.

O quadro é o Salmo 23 encenado: o Pastor faz o povo assentar-se “sobre a relva verde” (Mc 6.39), prepara-lhe mesa e faz transbordar. Deus não está limitado a agir uma única vez — como veremos, haverá uma segunda multiplicação (Mc 8.1-9). Quando caminhamos com Jesus, vemos coisas grandiosas acontecerem (Ef 3.20).

Jesus anda sobre as nossas adversidades

Logo após o milagre dos pães, um novo desafio — e uma revelação ainda maior no meio do mar.

Foi Jesus quem fez os discípulos embarcar (Mc 6.45): mais uma vez, a tempestade encontra gente em obediência. Da montanha onde orava, ele os vê “remando com dificuldade, porque o vento lhes era contrário” (Mc 6.48). Ele vê — mesmo quando parece distante (Mc 6.47), o Senhor está atento à nossa luta (Mt 6.26; Sl 145.18). E na quarta vigília da noite, vai até eles andando por sobre o mar.

Marcos anota um detalhe misterioso: “queria passar adiante deles” (Mc 6.48). É linguagem de teofania: como a bondade de Deus “passou diante” de Moisés na rocha (Êx 33.19-22), a glória do Filho passa diante dos discípulos no mar. Eles, porém, gritam de medo, pensando ver um fantasma. E então a palavra que muda tudo: “Coragem! Sou eu. Não tenham medo!” (Mc 6.50). O “Sou eu” ecoa o nome da sarça: “EU SOU o que SOU” (Êx 3.14) — o mesmo nome que Jesus reivindicará abertamente: “antes que Abraão existisse, EU SOU” (Jo 8.58). Aquele que anda sobre o mar revoltado é o Deus que pisa as ondas (Jó 9.8).

Ele sobe no barco, o vento cessa, e os discípulos ficam atônitos — “porque não haviam compreendido o milagre dos pães; pelo contrário, o coração deles estava endurecido” (Mc 6.52). Eis o diagnóstico que prepara a Aula 5: o milagre de ontem deveria sustentar a fé de hoje, mas a memória curta endurece o coração (Sl 103.2; Dt 8.2-3). Os discípulos deram trabalho ao Mestre — e nisso se parecem muito conosco. Louvado seja Deus pela paciência com que nos conduz de revelação em revelação (Pv 4.18; 2Co 3.18).

Jesus não apenas acalma tempestades: ele anda sobre aquilo que ameaça nos afogar. A adversidade que cobre a nossa cabeça está debaixo dos pés dele.

Tradição, mandamento e o que de fato contamina

Os fariseus perguntam pelas mãos não lavadas; Jesus responde apontando o coração.

A questão não era higiene, era tradição cerimonial elevada ao posto de mandamento. Jesus cita Isaías — “este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mc 7.6; Is 29.13) — e denuncia o mecanismo: “você rejeitam o mandamento de Deus para guardar a tradição de vocês” (Mc 7.9), como no caso do “corbã”, em que a oferta religiosa servia de desculpa para desamparar pai e mãe (Mc 7.10-13). Toda geração precisa se examinar: que tradições nossas, por boas que pareçam, têm anulado a Palavra?

Então Jesus declara o princípio: “Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é que o contamina” (Mc 7.15). E lista o que sai: maus pensamentos, imoralidades, furtos, homicídios, adultérios, avareza, malícia, engano, inveja, blasfêmia, orgulho, insensatez (Mc 7.21-22). O problema do ser humano não é ambiental, é cardíaco — e por isso a solução não é cosmética, é um coração novo (Ez 36.26).

A sírio-fenícia: a fé que veio de fora

Logo depois de ensinar que nenhum alimento contamina, Jesus vai a terras gentílicas — e encontra ali uma fé exemplar.

Uma mulher grega, sírio-fenícia, roga pela filha endemoninhada. A resposta de Jesus soa dura: “Deixe primeiro que os filhos se fartem, porque não é bom tomar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos” (Mc 7.27) — a prioridade histórica de Israel no plano da salvação (Rm 1.16). Mas a mulher não desiste nem se ofende; entra na própria imagem e a vira a seu favor: “Senhor, mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças” (Mc 7.28). Ela se destaca no Evangelho de Marcos como a única pessoa a “vencer” uma argumentação com Jesus — e ele se alegra em ser vencido assim: “Por causa desta palavra, pode ir; o demônio já saiu da sua filha” (Mc 7.29).

Aquela estrangeira discerniu, antes mesmo dos apóstolos, que o Reino de Deus é destinado a todos, e não apenas aos judeus — bastava-lhe uma migalha da mesa, porque sabia que a migalha do Senhor é suficiente. O bloco fecha com o surdo-gago curado em Decápolis e o veredicto da multidão: “Tudo ele tem feito bem; faz até os surdos ouvir e

os mudos falar” (Mc 7.37) — eco da criação (Gn 1.31) e das promessas messiânicas (Is 35.5-6).

Síntese da aula: Nazaré viu demais e não creu; os discípulos viram os pães e esqueceram; a estrangeira, sem ver quase nada, creu com humildade e ousadia. A fé não depende da quantidade de milagres assistidos, mas da postura do coração diante do EU SOU.

Citações bíblicas: Nova Almeida Atualizada (NAA), salvo indicação em contrário. Curso completo, com avaliação interativa e cartões de memorização, em metodistalivre.org.br/licoes